

Jacob Schäfer e sua descendência de ferreiros

João Felipe Weigert Weiss¹

Introdução

No ano de 1845, chegou ao Brasil Friedrich Jacob Schäfer². Proveniente da cidade de Mutterschied, na atual Renânia-Palatinado, na Alemanha. Emigrou juntamente com mais 49 pessoas da mesma cidade, fugindo da fome que assolou a cidade nos anos de 1843 até 1854³. Jacob, como encontramos seu nome em registros antigos, era luterano⁴, emigrou ao Brasil solteiro e trouxe junto consigo a arte da ferraria. Podemos supor que Jacob tenha passado por Petrópolis/RJ e talvez casado⁵ por lá com Marie Louise Bender⁶, em data desconhecida. Faltam evidências concretas, entretanto, no registro de óbito de Jacob Schäfer, consta a informação que o Pastor Friedrich Avé-Lallemant⁷ celebrou o matrimônio no Rio de Janeiro. O casal teve 7 filhos:

¹ Reside em Rancho Queimado/SC. Sócio-proprietário de Snackbalkon. Começou a pesquisar a história/genealogia da família Weiss em janeiro de 2019, sempre apoiado pelos seus pais e avós. Todos os dias buscando novas informações e vivências de seus antepassados. Contato: joaofelipeweiss@gmail.com.

² Friedrich Jacob Schäfer (*25.11.1817 †07.10.1888) é originário da cidade de Mutterschied, na Renânia-Palatinado, na Alemanha. Faleceu de “Magenleiden” (doença de estômago) em Ponte do Imaruí, Palhoça/SC (Reg. da Comunidade Luterana da Colônia Santa Isabel). É pentavô paterno do autor. Para padronização do sobrenome, foi utilizado nessa obra: SCHÄFER, já que foram encontradas diversas grafias: Schäffer, Schaeffer, Scheffer, Schafer, etc.

³ Mutterschied online. Internetpräsenz der Gemeinde Mutterschied.

⁴ O autor salienta que ao usar o termo “luterano”, se refere aos evangélicos de confissão luterana, atualmente reunidos através da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

⁵ Registro de óbito da Comunidade Evangélica da Colônia Santa Isabel, de Jacob Schäfer.

⁶ Marie Louise Bender (*16.02.1825 †16.07.1865) faleceu com apenas 40 anos e foi sepultada na Colônia Santa Isabel. Infelizmente tem-se poucas fontes relacionadas à Marie. Não sabe-se a sua filiação, local de nascimento, nem religião de batismo.

⁷ Friedrich Avé-Lallemant, pároco da Igreja Evangélica Germânica no Rio de Janeiro, a partir de 1845. Realizou viagens até Petrópolis para assistir aos luteranos ali estabelecidos. Friedrich era irmão do médico e naturalista Dr. Robert Avé-Lallemant (IHP, 2000).

1. Anna
2. Johann
3. Joseph⁸
4. Maria Luisa
5. Peter Jacob
6. Katherine
7. Margaretha

Não é conhecida a data de migração do casal da Província do Rio de Janeiro para Santa Catarina, nem a motivação. Porém há registros de sua passagem pela Colônia São Pedro de Alcântara, também pela Colônia Santa Isabel, onde receberam terras em 1847⁹. Também há evidências de sua passagem pela Colônia Vargem Grande (STEINER, 2019, p. 266) e por fim firmaram morada na localidade de Ponte Imaruí, em Palhoça/SC. Em 1865, a sua primeira esposa Marie Louise Bender faleceu; sendo sepultada no Cemitério Luterano de Santa Isabel. Friedrich Jacob Schäfer casou-se novamente em 17 de fevereiro de 1867, com Dorothea Passig¹⁰. Desta união nasceu Helena Paulina.

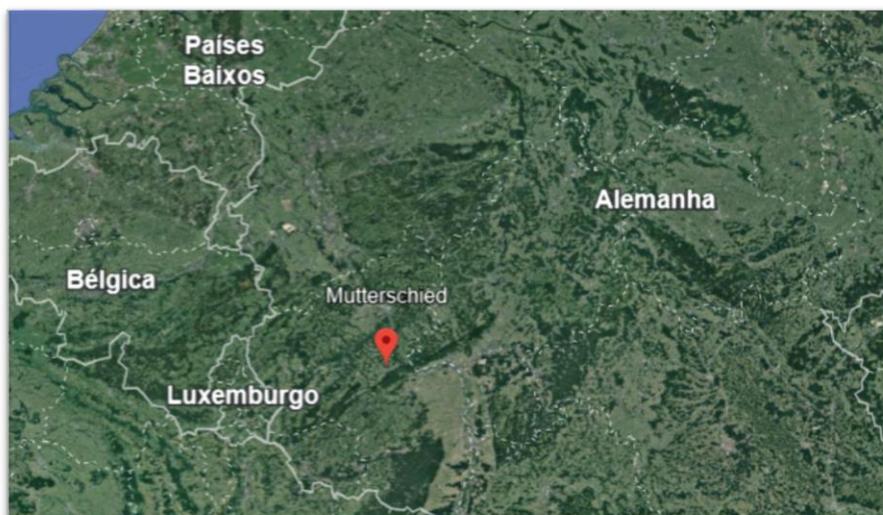


Fig. 1: Localização do município de procedência de Jacob Schäfer: Mutterschied, Renânia-Palatinado, na Alemanha. Fonte: Google Earth, 2023.

O Pastor Christian Tischhauser¹¹, o qual atendia as comunidades luteranas das Colônias Santa Isabel e Teresópolis, em uma carta, escrita por ele mesmo posteriormente

⁸ Joseph consta na lista levantada por Aderbal João Philipi em seu livro “São Pedro de Alcântara - A primeira colônia alemã de Santa Catarina”, (1995). Porém o autor não conseguiu encontrar a fonte dessa informação, de que o casal Jacob e Marie eram realmente pais de Joseph. A partir do ano de nascimento das crianças apresentado no livro, além da data de casamento do casal imigrante, podemos deduzir que ele possivelmente era filho do casal.

⁹ Receberam a “Sorte” nº 51, na margem direita, com 125 braças de frente por 1.000 braças de fundos. Nessa época, apenas a filha Anna era nascida (PHILIPPI, 1995, 336).

¹⁰ Registro de casamento da Comunidade Evangélica da Colônia Santa Isabel.

¹¹ Christian Tischhauser (*25.06.1839 †21.10.1905). Natural de Sevelen – St. Gallen, Suíça. Atuou como pastor na comunidade luterana de Santa Isabel e Teresópolis durante nove anos (1864-1873). Para maior conhecimento de sua atuação nessas colônias é sugerida a leitura do artigo “Os Anuários do Instituto de Educação de Santa Isabel – Jahresbericht Santa Isabella – escritos pelo Pastor Christian Tischhauser” (BRUCH, 2023).

em que conta sua despedida do ministério, descreve um fato interessante relacionado a um ferreiro em Palhoça:

Depois de uma cavalgada de nove horas, chegamos num ferreiro amigo na Palhoça, que nos acomodou para pernoite. Que Deus lhe retribua a gentileza. No dia seguinte chegamos ao Desterro, dali ao Rio de Janeiro, onde embarcamos para atravessar o oceano.¹²

Não podemos afirmar com certeza, mas muito possivelmente quando o Pastor Tischhauser menciona “ferreiro” no texto, está se referindo à Jacob Schäfer. Jacob era luterano, ferreiro, morava em Palhoça, e é bem possível que cederia um quarto ao pastor.

Friedrich Jacob e seu ofício

Ferreiro, é o profissional que trabalha o ferro, moldando o metal, em temperaturas muito altas. Profissão milenar, que existe desde que o ser humano começou a fabricar utensílios de aço. Na Idade Média, esse profissional, era responsável por toda a metalurgia de um povoado, fabricando principalmente espadas, escudos e machados. No século de Friedrich Jacob, um ferreiro fabricava utensílios, principalmente, para agricultores:

Antigamente, estes profissionais produziam, essencialmente, ferramentas e utensílios de trabalho, nomeadamente alfaías agrícolas, mas, também, outros objetos usados no cotidiano. Os agricultores eram os trabalhadores que mais recorriam a estes artífices para a construção das suas alfaías agrícolas, ou para a sua manutenção, como os arados, as enxadas, as foices, os garfos ou as pás. Mas também os moleiros, os tanoeiros e tantos outros profissionais, a eles recorriam, para o fabrico das ferramentas, em aço ou ferro, necessárias às suas profissões. Por esse motivo, eram muito procurados e bem remunerados.¹³

Nesse período, a Revolução Industrial estava chegando em comunidades da Alemanha. Com isso a manufatura quase foi extinta, sendo substituída pela maquinofatura¹⁴. Então, além de Friedrich Jacob imigrar por conta da fome, talvez foi incentivado pela falta de trabalho, apesar desse tipo de serviço ser muito bem pago e procurado. Infelizmente não sabemos se a profissão de ferreiro era de tradição familiar, mas o imigrante certamente usufruiu muito do seu conhecimento nas regiões em que morou:

O governo brasileiro, junto com os programas de imigração atuantes na Alemanha, trazia pessoas selecionadas para o Brasil. Vinha um ferreiro, um sapateiro, um armeiro, um carpinteiro. Tudo preparado com a ideia de montar uma colônia, que, sem esses trabalhadores específicos não iria perseverar. E Jacob veio para fazer ferramentas pros colonos e agricultores (WEISS, 2023).

¹² Trecho de uma carta de Tischhauser, publicado por STOER (1939, p. 8-9).

¹³ Cultura Madeira – “O Ferreiro”. Disponível em: <https://cultura.madeira.gov.pt/sabias-que-1/1843-o-ferreiro.html#:~:text=O%20ferreiro%20%C3%A9%20o%20profissional,aprendeu%20a%20moldar%20os%20metais>. Acesso em: 12 set. 2023.

¹⁴ Manufatura: O que é e importância na Revolução Industrial – Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/manufatura/>. Acesso em: 12 set. 2023.

Talvez essas não eram as verdadeiras razões de Friedrich Jacob imigrar, porém, sem dúvida veio muito bem a calhar um ferreiro nessas localidades. Também devemos salientar que era uma época em que havia muita movimentação tropeira, tanto pelo litoral, quanto pela serra. Um ferreiro servia de conforto e segurança a quem passasse. Podemos pensar em um tropeiro que perdera uma ferradura de sua montaria, um freio para seu cavalo, ou ainda precisasse de um facão para andar pelas picadas. Itens de muita importância que só seriam encontrados num profissional do ferro e aço.

Na perspectiva do “Caminho das Tropas”¹⁵, entre Desterro e Lages, fez mais do que sentido uma ferraria em Palhoça. Ou o tropeiro estava subindo a serra e comprava ferramentas e utensílios na ida, ou na volta, quando talvez, tivesse perdido algum item importante. Há a possibilidade de imaginarmos que Friedrich Jacob ainda servia, enxadas, foices, martelos, aos lavradores que na região viviam. Na época em que esteve pelas colônias, provavelmente forneceu muitos utensílios aos colonos.

Não temos informações de quanto tempo ficou em cada uma das colônias. Porém acredita-se que não foram mais que dez anos, desde a chegada no Brasil, até migrar para a região de Palhoça, onde já morava em 1854, quando seu filho Peter nasceu. Ali montou sua ferraria na localidade de “Ponte do Imaruí” e provavelmente nesse local, pelo menos um de seus filhos, no caso, Peter, aprendeu a profissão.

Friedrich Jacob Schäfer faleceu em Palhoça na localidade de Ponte do Imaruí, no dia 07 de outubro de 1888, em virtude de uma doença estomacal¹⁶.

Peter Schäfer, nasceu na casa de seu pai Friedrich Jacob, em Palhoça/SC, no dia 29 de julho de 1854 e herdou a profissão de ferreiro:

O meu avô Pedro (Peter) Schäfer, tinha uma ferraria logo depois daquela ponte do (Rio) Imaruí, à direita, ainda tem o muro (da ferraria) ali. E ali, meu pai, o Rodolfo, tinha uns oito anos, quando, meu avô Pedro, foi para o Aririú (Palhoça) e lá ele botou a ferraria dele (SCHAEFFER, 2023).

Fig 2: Lápide sepulcral de Peter Schäfer. O coração com as informações gravadas nele, é um costume da família. Consiste em uma chapa de metal fino, onde as informações são gravadas com carimbos que contém letras. Esses carimbos marcam o metal formando as palavras. O que acontece com as flores não é diferente, os desenhos são feitos com um metal marcando o pequeno coração. Geralmente era feito por algum ferreiro da família (Acervo do autor).



¹⁵ Foi uma antiga via de comunicação que ligava o litoral de Santa Catarina (Desterro) ao Planalto (Lages). Era formado por trilhas muito precárias, ou picadas onde os tropeiros passavam, levando o gado para o litoral.

¹⁶ Registro de óbito da Comunidade Evangélica da Colônia Santa Isabel (IECLB).

Peter então deixou a ferraria que, não sabemos se é a mesma do seu pai Friedrich Jacob, porém tudo leva a crer que sim. Essa mudança, aconteceu por volta de 1897¹⁷. Peter então monta sua própria ferraria na localidade de Aririú, em Palhoça.

Descendência de ferreiros

Peter Schäfer casou-se com Emma Caroline Schütz¹⁸ no dia 21 de janeiro de 1882, na igreja luterana da Colônia Santa Isabel, atual município de Águas Mornas. O casal teve 9 filhos, a saber:

	Nome	Nascimento	Falecimento
1	Emil Jacob	08.02.1882 em Palhoça/SC	07.11.1954 em Alfredo Wagner/SC
2	Laura Dorothea	27.05.1884 em Palhoça/SC	03.01.1956 em Alfredo Wagner/SC
3	Veronika Margarethe	17.08.1885 em Palhoça/SC	07.06.1961 em São Bonifácio/SC
4	Robert Jacob	22.10.1886 em Palhoça/SC	08.11.1974 em Itajaí/SC
5	Rudolf Jacob	11.05.1889 em Palhoça/SC	28.08.1980 em Palhoça/SC
6	August Ludwig	20.09.1891 em Palhoça/SC	?
7	Ottilie Helene	25.11.1893 em Palhoça/SC	30.05.1974 em Palhoça/SC
8	Anida Caroline	17.10.1895 em Palhoça/SC	?
9	Carl Reinhold Hugo	01.02.1903 em Palhoça/SC	01.07.1973 em Alfredo Wagner/SC

Dos seus filhos, Rudolf¹⁹ e o caçula Carl²⁰ seguiram a profissão do pai Peter e do avô Friedrich Jacob, se tornando ferreiros:

¹⁷ Rodolfo nasceu em 1889, então quando ele tinha por volta de oito anos, temos a data estimada acima.

¹⁸ Emma Caroline Schütz (*20.05.1862 †25.01.1947) era filha de Johann Adam Schütz e Emely Alice Gates. Os cônjuges são tetravós do autor.

¹⁹ Rudolf Jacob Schäfer casou-se com Frida Amália Franz (*12.01.1901 †19.12.1970), filha de Albert Franz e de Carolina Luchtemberg, no dia 04.05.1918, na Colônia Santa Isabel/SC. Rodolfo e Frida são trisavós do autor.

²⁰ Carl Reinhold Hugo Schäfer casou-se com Elfrida Lilly Zluhan, filha de Paulo Zluhan e Bertha Schütz, no dia 28.05.1927, em Rancho Queimado/SC.

Meu pai, Rodolfo (Rudolf), saiu de Palhoça e foi trabalhar com o cunhado dele, meu tio, Alex Klaumann²¹, que era casado com minha tia Laura Schäffer²², abriram uma ferraria em Rio Lessa (SCHAEFFER, 2023).

Rudolf muito eventualmente atuava com seu pai Peter na arte da ferraria. Subiu a serra, migrando aproximadamente 80 km de Palhoça à Alfredo Wagner onde foi aperfeiçoar as habilidades de ferreiro com seu cunhado Alex Klaumann, em uma comunidade, denominada Rio Lessa. Depois de aperfeiçoada a profissão, Rudolf abriu uma ferraria na comunidade de Picadas, distante poucos quilômetros do Rio Lessa. O seu irmão caçula Carl, posteriormente, também abriu uma ferraria na mencionada localidade, no “Km 100”.²³



Fig. 3: Carl Reinhold Hugo Schäfer. Década de 1970. (Acervo do autor)



Fig. 4: Rudolf Jacob Schäfer. Década de 1980. (Acervo de Stivis Weiss)



Fig. 5: O casal Rudolf Schäfer e Amália Franz (sentados), juntamente com seus filhos. Fotografia da década de 1940 (Acervo de Edelberto Schaeffer Filho).

²¹ Frederico Carlos Alexandre Klaumann ou “Alex” (*13.09.1884 †23.12.1960) nascido em Teresópolis, Águas Mornas/SC, era filho de Hugo Klaumann e de Mathilde Linder.

²² Laura Schäfer (*27.05.1883 †02.01.1956) casou-se com Alex Klaumann, em 05.02.1910, na Igreja Luterana de Teresópolis, Águas Mornas/SC.

²³ Jornal Alfredo Wagner Online. “Picadas – km 100” – 2016. Disponível em: <https://jornalaw.com.br/2016/10/10/picadas-km-100/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Existem duas versões sobre como surgiu a ferraria “Km 100”. Alguns afirmam que foi Rudolf que batizou a sua ferraria assim (SCHAEFFER, 2023). Porém, outra versão mais recentemente difundida é que Carl teria colocado esse nome na sua ferraria. “Tinha uma placa no seu estabelecimento: “Ferraria Km 100 – Carlos Schäfer” (WEISS, 2023).

O nome deriva de uma pedra²⁴ em formato de marco que eram colocadas ao longo do caminho da Estrada de Lages, marcando a distância da capital Desterro (Florianópolis), até determinado local. “Km” deriva de quilômetro e o “100” era a respectiva distância. Na Fig. 6, temos a foto da pedra que demarcava a distância. Eventualmente, a ferraria dos irmãos estava localizada no entorno deste marco.

O casal Peter Schäfer e a esposa Emma Schütz, se mudam para Picadas: *“Meu vô e minha vô (Peter e Emma), moraram um tempo, com meu pai, ali em Picadas. Eu sei que caiu uma lima no pé do meu vô e infeccionou, por que era diabético, faleceu daquilo”* (SCHAEFFER, 2023). Essa infecção o levou à óbito com 74 anos, no dia 16 de janeiro de 1929, na localidade de Quebradente, Alfredo Wagner/SC²⁵. Foi sepultado no cemitério luterano de Picadas²⁶. Sua esposa faleceu muitos anos mais tarde na mesma localidade, com 84 anos de idade, no dia 25 de janeiro de 1947²⁷. Foi sepultada no mesmo cemitério que o falecido marido.

Rudolf casou-se com Frida Amália Franz²⁸. O casal teve nove filhos:

1. Edelberto
2. Arno
3. Bruno Alexandre
4. Irma Otília
5. Vanda
6. Iolanda
7. Wirto
8. Etkar
9. Ivanildes



Fig. 6: Marco do quilômetro 100 da antiga estrada Florianópolis a Lages. 2007. (Acervo de Toni Jochem).

²⁴ Segundo moradores locais, o marco do quilômetro 100 da antiga estrada de Florianópolis a Lages, foi arrancado pela força d’água durante uma enchente. Esta pedra foi avistada no leito do rio entre 2020/2021 após um período de seca prolongada na região, que baixou o nível do rio Adaga.

²⁵ Cartório de Registro de óbito civil de Alfredo Wagner.

²⁶ Segundo o registro civil do óbito, foi “sepultado no cemitério protestante do lugar Quebradente”; entretanto, o autor constata que a sepultura de Peter Schäfer existe no cemitério luterano de Picadas – Alfredo Wagner/SC.

²⁷ Livro de óbitos da Comunidade Luterana da Colônia Santa Teresa.

²⁸ Conferir nota 17.

Rudolf teve a missão de ensinar o ofício à seu filho mais velho Edelberto Schäfer²⁹, popular “Seu Eti”. Este tornou-se ferreiro também em Alfredo Wagner/SC e vendia seus utensílios para vários locais: loja Bertussi & Ribas, lojas Zago, em Lages/SC. Em Rio do Sul/SC, na Agropecuária Stolf, Bazar do Vavá e loja Marzzal³⁰. Além de vender aos tropeiros que passavam pela loja e levavam itens para venda no Mercado Público de Florianópolis, ou para São Paulo e Paraná³¹. Para vender à esses locais, fabricava muitos facões e facas. Pelo município, vendia enxadas, foices e freios para animais de montaria.

Seu Eti casou-se com Hilma Schaffer e teve dez filhos, a saber:

1. Jamir
2. Renato
3. Alcides
4. Valdonir
5. Zelito
6. Marlene
7. Nezita
8. Nelita
9. Leci
10. Edelberto Filho

criou seus seis filhos dentro da ferraria e sempre em contato com a arte:

Não tivemos um ensino específico (por exemplo: hoje vou te ensinar isto), pois nossa infância foi dentro da ferraria e então quando nos demos conta, já sabíamos a profissão (SCHAEFFER FILHO, 2023).

Filhos de seu Eti Schäfer, Alcides e Edelberto Filho, seguiram com a tradição do pai até o ano de 2009³². Na mesma ferraria montada em 1958 por Eti, os dois filhos trabalharam juntos por bons anos, se especializando na fabricação de facas e espadas, por volta do ano de 1984. As mais tradicionais eram facas de churrasco, mas também as de uso profissional, como as castradeiras e a para a limpeza de peixes³³.

O filho de Alcides, Jackson Robert, desde os dez anos assistia ao pai e o tio fazerem facas. Com o falecimento de seu pai, Alcides, Jackson com 14 anos seguiu com o trabalho artesanal. Faz facas com aço damasco dos mais diferentes modelos, tipos e tamanhos. Além de fabricar facões e espadas. Reinventou em alguns pontos: passou a usar inox e aço damasco para a confecção das peças. Também utiliza papel vulcanizado em algumas peças. Porém afirma que a tradição não se perdeu e a forma de confecção, segue a de seus antecedentes³⁴.

²⁹ Edelberto Schäfer (*29.09.1918 †11.04.1995) casou-se com Hilda Schaeffer. O casal teve dez filhos.

³⁰ SCHAEFFER FILHO (2023).

³¹ Jornal Capital das Nascentes (SC) – Abril – 2014. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/Jornal-capitaldasnascentes/JCN2014002.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

³² SCHAEFFER FILHO (2023).

³³ Revista “Globo Rural” – Dezembro 1992, p. 46 e 47. A ferro e a fogo. Disponível em: https://www.face-book.com/photo?fbid=2909320075964689&set=pcb.2909320359297994&locale=pt_BR. Acesso em: 20 nov. 2023.

³⁴ Schaeffer Facas Artesanais. Acesso em: 19 dez. 2023.

Herança muda de sobrenome

No final da década de 1930, outro personagem surge na história. Edelberto Weiss³⁵, popular “Edi” saiu de Taquaras, Rancho Queimado, com aproximadamente 19 anos e partiu para Picadas, aprender a profissão de ferreiro com o, anteriormente mencionado, Carl Schäfer. Carl também foi responsável por ensinar a profissão a outras pessoas:

(...) Osvaldo Jung³⁶ aprendeu com o “Carlinho”, meu pai (Edelberto Weiss) e eu tinha um tio que se chamava Etwino Schäfer³⁷, que também aprendeu com ele. Os rapazes que queriam aprender a profissão, todos iam pro meu tio-avô, “Carlinho” (WEISS, 2023).

A ascendência de Edelberto também é composta por ferreiros. Heinrich Albert Weiss³⁸, seu bisavô, imigrou em 1852 com a profissão de ferreiro na bagagem, a qual ensinou a seu filho Wilhelm, avô de Edelberto. Além disso, Wilhelm também ensinou a um de seus filhos, Robert Cristian, tio de Edelberto. Sem dúvida, o descendente de Heinrich Albert e Wilhelm foi muito influenciado à profissão que exerceu. Era uma profissão de reconhecimento e que estava no sangue da família.

Enquanto Edelberto trabalhava em Picadas, com Carl Schäfer, conheceu Irma Otília Schäfer³⁹, filha do irmão de Carl – Rudolf Schäfer. Edelberto e Irma moravam na frente da casa um do outro. Se encantaram, namoraram e no dia 2 de julho de 1941, casaram em Picadas⁴⁰. Antes desse dia, Irma era responsável por cuidar de sua avó, matriarca da família Schäfer, a esposa de Peter, Emma Schütz⁴¹ (WEISS, 2023).



Fig. 8: Irma Schäfer, Edelberto Weiss e Valdevino Weiss em frente à ferraria em Taquaras, Rancho Queimado/SC. 1945. (Acervo de Valdevino Weiss)

³⁵ Edelberto Weiss (*04.04.1920 †09.03.2005). Era filho de Wilhelm Johann Carl Weiss e Pauline Elisabeth Emely Schütz. Edelberto é bisavô do autor.

³⁶ Infelizmente não se soube identificar a filiação, a esposa ou qualquer outra informação sobre Osvaldo Jung.

³⁷ Etwino Schäfer (*13.07.1916 †18.12.1994). Etwino era filho de Emílio Jacob Schäfer e Emília Weingärtner. Emílio era irmão de Rodolfo e Carlos Schäfer, os dois ferreiros e, portanto, neto e sobrinho de ferreiros.

³⁸ Heinrich Albert Weiss (*1833 †15.05.1874) é originário de Böhlen, na Turíngia. Ele é pentavô do autor. Para maior conhecimento sobre sua trajetória, de sua família no Brasil, recomenda-se a leitura do artigo: “A História de Albert Weiss: de Böhlen para a Colônia Santa Isabel” (WEISS, 2023).

³⁹ Irma Schäfer (*03.03.1924 †15.10.1970). No registro não é mencionado a localidade de nascimento, mas muito provavelmente Irma nasceu em Picadas. Era filha de Rodolfo Schäfer, o irmão de Carlos e Frida Amália Franz. Irma é bisavó do autor.

⁴⁰ Cartório do Registro Civil de Alfredo Wagner/SC.

⁴¹ Emma faleceu em 1947, seis anos depois do casamento de Irma.

Diversas ferrarias e localidades

Depois de casados, Edelberto ainda trabalhou com o sogro aproximadamente por 4 anos, em Picadas, até o ano de 1945. Por conta de desentendimentos com Rudolf, Edelberto retornou com sua família para Taquaras. Na Fig. 8, observamos Edelberto, sua esposa, Irma e o filho Valdevino na frente da pequena ferraria estabelecida em Taquaras. Pendurados na janela, encontram-se os itens que vendia para quem passasse na estrada. Os deixava pendurados na janela e quando alguém se interessava pela peça pendurada, negociava.

Com isso, Edelberto passa a moldar o aço seguindo a tradição do pai, avô e do bisavô de sua esposa Irma Schäfer.

Quando eu tinha uns dois anos, ele veio morar para Taquaras. Aí ficamos uns dois anos e meio por ali e depois fomos de mudança pro Quebradente em Alfredo Wagner. Em uma ferraria que o tio "Carlinho" (Carl Schäfer) tinha lá, que funcionava com um martelete⁴² tocado à água. (A ferraria) ficava bem embaixo do morro, perto do rio (WEISS, 2023).

Desde cedo, Edelberto já ensinava os filhos no ofício de ferreiro. Valdevino relata que desde os seus cinco anos já ia todos os dias para a ferraria com o pai.

O pai ficou ali um ano e pouco, mais ou menos e aí fomos de muda para Águas Frias (Alfredo Wagner). Tinha um cara lá que queria contratar o pai pois ele também tinha um martelete. Esse homem não sabia como usar e trabalhar com aquilo e o meu pai já tinha aprendido, então fomos morar lá. Ficamos até 1951, quando eu tinha oito anos, e viemos novamente pra Picadas e ali o pai colocou uma ferraria por conta dele. Meu pai não tinha dinheiro, então foi até Taquaras, numa tia dele, Helka⁴³, e pegou 500\$000 réis emprestados para comprar a bigorna e marreta. Então nessa época, com oito anos, já ajudava meu pai a bater foice e estava direto com ele e até minha mãe ajudava a bater foice quando se precisava (WEISS, 2023).



Fig. 9: Bigorna e marreta que Edelberto comprou com o dinheiro da sua tia Helka. 2023. (Acervo do autor).

⁴² Funcionava semelhante à um moinho, porém, com água ao invés de vento. Uma roda d'água era responsável por levar o movimento das águas, até o martelo que ficava encarregado de, literalmente, martelar o material desejado. Conforme a roda girava no rio, o martelo batia dentro da ferraria.

⁴³ Helka Emília Weiss (*12.03.1900 †22.04.1994) era casada com Otto Eduard Jacob Schütz (*12.10.1901 †01.07.1945) e era irmã do pai de Edelberto.

Podemos perceber o quão difícil foi a vida dessa família no começo. O casal teve 12 filhos no total, a saber:

1. Ditmar
2. Valdevino
3. Dejalme
4. Valmor
5. Diva
6. Rodolfo
7. Loeni
8. Dulce
9. Valmeri
10. Denildes
11. Edelberto
12. Valdenei

O primeiro filho do casal veio à óbito com poucos meses de vida e foi sepultado em Picadas, hoje no município de Alfredo Wagner. Em 1950 também faleceu Dejalme, o terceiro filho, o qual foi sepultado na mesma localidade que o irmão mais velho. Não eram muito bem remunerados no início do casamento. Tantas mudanças em tão pouco tempo, não deveria ser um momento fácil. Mesmo assim, nunca desistiram de uma vida melhor. Com 15 anos de casados, dois filhos falecidos, um de colo, e outros cinco relativamente maiores, voltariam a morar em Taquaras:

Em 1956, foi lá em casa o Teófilo Schütz⁴⁴. Era um homem de muitas posses e falou ao meu pai: “Oh Edí, tu não queres trabalhar comigo lá em Taquaras, no meu beneficiamento de carroceria? Te pago bem. A cada carroceria que tu fizeres, eu pago o dobro do que tu gastaste de ferro. Se a ferragem custar mil, te dou dois mil por ela pronta”. Depois daquilo meus pais foram olhar a casa e onde seria a ferraria e se agradaram. Uma casa bonita, com luz elétrica... Meu avô Rodolfo quando ficou sabendo, brigou com meu pai, mas o pai não deu muita conversa, veio um carro, pegou nossas coisas e chegamos em Taquaras no dia dez de agosto de 1956. Ali tínhamos uma ferraria completa, grande e ali logo o pai fez dinheiro. Ganhávamos o dobro em cima do custo do ferro! Quando chegava sábado de noite, ele conseguia tampar a nossa mesa de jantar com notas de cruzeiro (WEISS, 2023).

⁴⁴ Theóphilo Jacob Schütz (*03.07.1913 †14.09.1971) era filho de Robert Christian Schütz Sobrinho e de Ana Beppler. O avôs de Theóphilo e de Edelberto eram irmãos, portanto eram primos de segundo grau. Foi uma pessoa importante para o desenvolvimento de Taquaras. Nesta localidade há uma praça pública cuja denominação lhe presta homenagem.



Fig. 10: Casa que a família Weiss morou quando vieram morar em Taquaras, em 1956. A casa também pertencia à Theóphilo Schütz. 2023. (Acervo do autor)

Nessa época, o ramo profissional mudou. De ferramentas de trabalho, grosseiras, passou a fazer carrocerias para carros e caminhões. Sem dúvida a vida mudou. Edelberto começou a ganhar melhor, num lugar com mais comércio por perto, eventualmente a qualidade de vida também melhorou. Em 1961, porém, o trabalho começou a retroceder, Teófilo teve alguns problemas financeiros e Valdevino, filho mais velho de Edelberto, foi trabalhar no litoral:

O tio Adelino Müller⁴⁵ tinha uma fábrica de carroceria aqui em Navalhas. Depois ele foi trabalhar "lá pra baixo" e veio aqui me chamar pra eu ir trabalhar com ele. E eu fui, primeira vez que saí de casa e tinha 17 anos. A mãe chorava muito, mas fui embora, não tinha mais o que fazer aqui. Pouco tempo depois o tio Adelino contratou meu pai para trabalhar com a gente também. Nos metemos numa fria. Ganhávamos Cr\$1000 por ferragem e eu e o pai fazíamos uma por dia, sete por semana, as vezes mais. Porém o restante do veículo precisava de mais tempo para ficar pronto. Conseguiram fazer cinco por semana e no fim aquilo não deu mais certo, estavam sobrando ferragens. Então meu pai disse: "vamos de mudança pra Taquaras de volta, na casa do "Vater" (pai do Edelberto), a mãe⁴⁶ já faleceu mesmo, vamos lá com ele". Quando o velho viu nossa mudança ele quase caiu de costas! (WEISS, 2023).

⁴⁵ Adelino Müller (*26.07.1920) era casado com Elma Weiss (*13.04.1916 †18.07.1996). Os pais de Elma e de Edelberto eram irmãos.

⁴⁶ Trata-se de Pauline Elisabeth Emely Schütz (*05.02.1891 †08.06.1963), filha de Robert Cristian Schütz e de Alwina Weiss. Alwina era irmã de Wilhelm Weiss, pai de Wilhelm Johann Carl Weiss. Isso faz de Pauline e seu marido, Wilhelm Johann Carl, além de casal, primos.

Alguns dias instalados na casa do patriarca Weiss, a família se mudou para o Rio Bonito, em frente a um antigo hotel⁴⁷. Lá havia um amigo que tinha uma oficina mecânica e convidou a família para trabalhar ali e morar numa pequena casinha. Assim Edelberto trabalharia de ferreiro, o seu amigo de mecânico, e um ajudaria o outro. Depois de um tempo, a família se mudou novamente para Taquaras. Num local próximo de onde existe a “Casa do Imigrante”, no Parque da Festa do Morango⁴⁸ nos dias atuais. Ali havia uma casa antiga que pertencia à Christian Schütz⁴⁹ e onde, debaixo de uma garagem, havia uma oficina velha. Esse local passaria a ser o ambiente de trabalho de Edelberto e o sustento de sua família durante algum tempo. Valdevino afirma sobre seu pai:

“Era um homem muito trabalhador, fazia foíce, enxada, machado, tudo coisas grosseiras, não tinha um esmeril, não tinha nada, desgastávamos e afiávamos tudo na lima, mas a gente se virava”.

Fim das mudanças

Um dia fui numa festa no Rio Bonito e escutei o Vilsom Weiss⁵⁰ dizendo para alguém que queria vender o terreno que tinha ganhado da tia Ema e Alvina⁵¹. “Quero vender meu terreno que vou pro Paraná. Quero 30 mil cruzeiros”. Quando cheguei em casa contei pro pai e ele achou caro. Mesmo assim emprestou dez mil de um, dez mil de outro, arrumou o dinheiro e comprou o terreno. Aqui nos estabelecemos, mas no total foram 14 mudanças. Quando nos mudávamos, eu e o “Moleco”⁵² montávamos a ferraria. Fazíamos uma forja, arrumávamos todas as ferramentas no lugar. Se não tivesse fogão à lenha dentro de casa, nós mesmos fazíamos, em pouco tempo estava tudo funcionando (WEISS, 2023).

Valdevino ainda conta que nos primeiros meses em que estavam novamente morando em Taquaras, passaram trabalho. Estavam endividados, haviam feito uma casa nova e as contas estavam no vermelho. Afirma que um de seus tios materno, os ajudaram muito, com comida quando precisava. A casa nova foi feita com madeiras da serraria do Lily Schütz⁵³ e que hoje não existe mais.

⁴⁷ O mencionado hotel de nome desconhecido ainda está no mesmo local, porém fora de funcionamento, e pertencia a José Koerich (*27.08.1914 †25.01.1973).

⁴⁸ A tradicional “Festa do Morango” em Taquaras, Rancho Queimado, está em sua 32ª edição neste ano de 2024. A mencionada casa, foi construída dentro do parque para lembrar alguns antepassados locais e seus objetos.

⁴⁹ Christian Alfred Peter Schütz (*15.05.1893 †20.10.1978) era irmão da mãe de Edelberto Weiss.

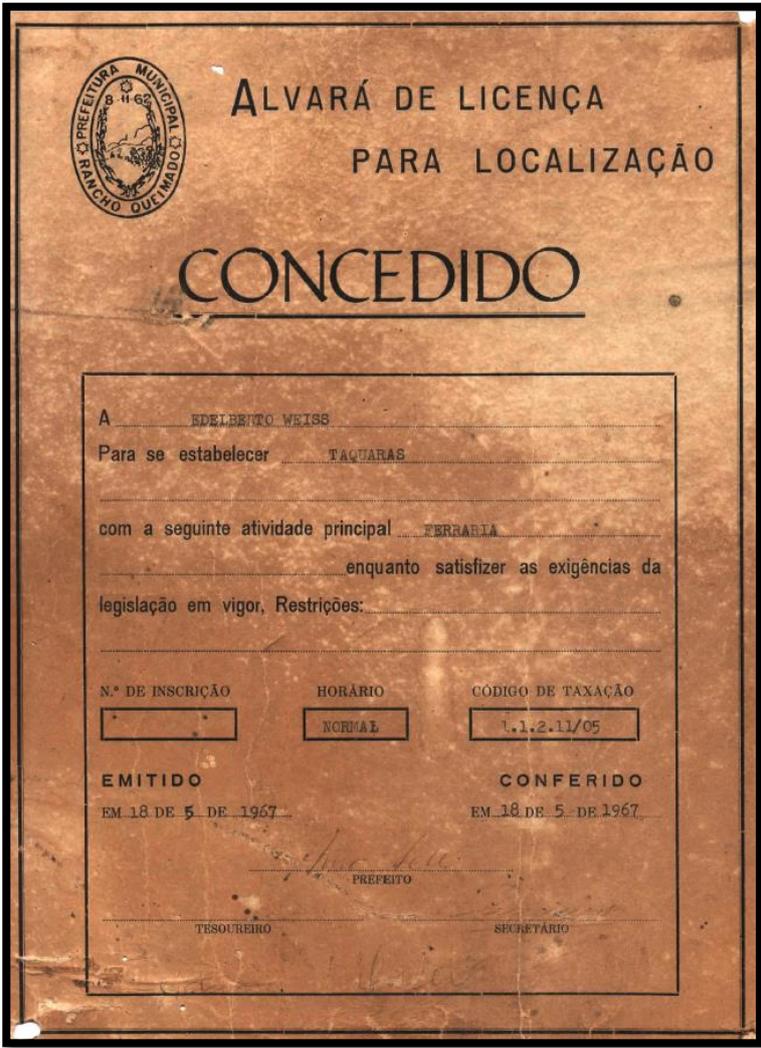
⁵⁰ Vilsom Weiss (*25.01.1928 †20.08.1998) era filho de Robert, o ferreiro, irmão de Wilhelm Johann Weiss, pai de Edelberto. Ele migrou para Francisco Beltrão/PR, por volta 1958.

⁵¹ Emma Auguste Weiss (*09.05.1886 †18.07.1959) e Alvina Weiss (*23.10.1888 †04.08.1953) eram tias paternas de Vilsom e Edelberto Weiss. Nunca se casaram, nem tiveram filhos, portanto precisavam de alguém para cuidar delas na velhice. Vilsom fez isso e em troca recebeu o terreno que elas deixariam de herança (WEISS, 2023).

⁵² Moleco é o apelido do seu irmão Valmor, quarto filho do casal Edelberto e Irma. Valmor é avô do autor.

⁵³ Lily Arthur Schütz (*12.08.1919 †24.03.1990) era filho de Wilhelm Robert Schütz e de Anna Laura Beppler. Foi casado com Ottilie Meurer.

Edelberto e sua família fabricavam muitos utensílios. Primeiramente aos tropeiros que passavam na estrada, vendiam muitos freios de cavalos, estribos, ferros de marcar animais e trepes, todas essas chamadas de “trilhas de tropeiro”. Também fabricavam muitas ferramentas de trabalho, semelhante ao imigrante. Foices, machados, marretas, enxadas, pás e facões. Edelberto também foi responsável por forjar muitas lápides em formato de cruz, com o nome e algumas inscrições sobre o falecido. Além de fabricar as tradicionais facas.



ALVARÁ DE LICENÇA
PARA LOCALIZAÇÃO

CONCEDIDO

A EDELBERTO WEISS
Para se estabelecer TAQUARAS
com a seguinte atividade principal FERRARIA
enquanto satisfizer as exigências da
legislação em vigor. Restrições:

N.º DE INSCRIÇÃO	HORÁRIO	CÓDIGO DE TAXAÇÃO
	<u>NORMAL</u>	<u>1.1.2.11/05</u>

EMITIDO EM 18 DE 5 DE 1967
CONFERIDO EM 18 DE 5 DE 1967

PREFEITO
TESOUREIRO
SECRETÁRIO

Fig. 11: Alvará da ferraria de Edelberto Weiss, emitido em 1967, concedendo licença para o seu funcionamento, na localidade de Taquaras. (Acervo de Stivis Ander Weiss).

O ofício permanece na família

Hoje, Valdevino, popular “Seu Vино”, é quem continua a tradição familiar. Com 80 anos ainda tem a mesma rotina de sempre de acordar cedo e começar o trabalho. Trabalho o qual tirou o sustento durante sua vida inteira. Desde novo já ajudava o pai, mesmo sem poder com o peso das ferramentas. Uma tradição, que até onde se sabe, já ultrapassa os 170 anos de existência desde a vinda de seu trisavô Jacob Schäfer da Alemanha com o ofício de ferreiro. Vино especializou-se na arte da cutelaria, fazendo facas, facões e até espadas. Porém, sempre que algum vizinho precisa de algum serviço metalúrgico, sabe

muito bem fazê-lo. Hoje Valdevino faz muitos modelos, sempre se atualizando através da internet em tipos diferentes de cabos e modelos de lâminas.

As ferramentas compradas em 1951 por seu pai, com dinheiro emprestado foram a primeira escola para Valdevino. Edelberto trocou o cabo da marreta que havia comprado e colocou uma caixa de madeira ao lado da bigorna. Assim o pequeno Vito podia ajudar seu pai no ofício, subindo na caixa de madeira e ficando de um tamanho adequado e marretando o ferro: “Não fazia grande coisa, as vezes batia na marreta dele e mais atrapalhava que ajudava, mas dava tudo certo” (WEISS, 2023).

Valdevino, com 18 anos começou a fazer facas. Seu pai Edelberto também fabricava muitas facas, mas segundo Vito, (WEISS, 2023): “Só fazia facas grosseiras, sem bainha”. Como comentado anteriormente, em 1961 Valdevino vai para Florianópolis trabalhar em uma fábrica de carrocerias. Dois anos depois tenta mudar de profissão:

Em 63, saí da oficina e fui trabalhar de motorista. Peguei um caminhão de um senhor e fomos pro Rio de Janeiro. Demoramos 29 dias para voltar. Foi a primeira e última viagem. Quando cheguei de volta só tinha mais o relógio que hipotequei, comprei umas ferramentas de ferreiro e vim pra Taquaras fazer facas junto com meu pai. Então começamos a fazer facas mais elaboradas, com bainha e ponteira de metal (WEISS, 2023).

Valdevino instalou a sua cutelaria no terreno que herdou do pai, em Taquaras. A batizou afetivamente de “Facas Km 100” em homenagem à sua ascendência.

O processo de fabricação

De antigas lâminas de rotativa de arado, eixos de amortecedores de caminhão, barras estabilizadoras de automóveis velhos ou outras barras de ferro, Valdevino tira a matéria prima. Afirma também que já fabricava facas de folhas de serras de engenhos Pica-Pau, igual seu pai e seu avô. Das lâminas de arado, endireita suas torturas, com ajuda da forja e de uma marreta, marca o formato da faca desejada e corta com a esmerilhadeira, anteriormente substituída pela talhadeira. Já se a matéria prima forem eixos, ele é esquentado por volta de 20 minutos, até uma alta temperatura, atingindo um tom de quase branquidão. Com



Fig. 12: Processo de modelagem da faca através da colisão da marreta contra a bigorna. 2013. (Acervo de Valdevino Weiss).

ajuda de uma tenaz, Vино leva o ferro quente até uma bigorna, e vai moldando-a. Por volta de dez minutos colidindo o ferro contra a bigorna, o material se esfria. Então as etapas se repetem até haver um modelo de faca desejado. Esse processo também é utilizado para endireitar as lâminas de arado, citadas anteriormente.



Fig. 13: Forja tocada à pé da ferraria de Valdevino Weiss. 2023. (Acervo do autor).

Nos dias atuais, o fogo é alimentado com o oxigênio proveniente de ventoinhas elétricas. Porém Valdevino ainda usa ventoinhas tocadas à pé, como vemos na Fig. 13. Um sistema de engrenagens fazia o fogo ser alimentado. Uma taboia conectada a esse sistema, servia de pedal para o usuário que, com o movimento de sobe e desce, fazia a engrenagem próxima ao teto girar. Essa engrenagem, continha uma correia que transmitia o movimento da roda maior, à uma pequena engrenagem, que girava uma ventoinha. O vento gerado com o movimento, era transportado até o fogo, onde se obtinha uma chama mais potente e constante, podendo assim esquentar o ferro a altas temperaturas. Hoje, Valdevino usa somente a forja a pé, no momento de tempera⁵⁴ da lâmina. Somente na década de 1990, Valdevino implementou a ventoinha tocada à energia elétrica. Nesse mesmo

momento, Edelberto, seu pai, desistiu de trabalhar na ferraria, pois o carvão não era mais de nó de pinho⁵⁵. O carvão utilizado nos dias atuais, é o carvão vegetal de árvores exóticas⁵⁶, não gerando um fogo tão constante e potente quanto nos dias passados. Mesmo nessa ótica, ainda é possível fabricar belas e resistentes peças.

Depois do modelo desejado estar pronto, Valdevino precisa temperar e revenir a peça.

Eu esquento usando a ventoinha à eletricidade e então coloco ela no recipiente com óleo hidráulico. Ela sai dura igual vidro e então precisamos revenir. Para isso, limpamos bem a peça, que depois de sair do óleo está branca, e colocamos no fogo. Assim ela vai ficando amarelo ouro e depois amarelo escuro, uma cor de cobre. Meu avô (Rudolf) dizia que era a "cor de maracujá" e podemos tirar que

⁵⁴ Processo térmico no qual um material metálico é aquecido a uma temperatura elevada e, em seguida, resfriado rapidamente para endurecer sua estrutura.

⁵⁵ Fica na junção entre o tronco e os longos e pesados galhos da araucária.

⁵⁶ Com a proibição do corte de árvores nativas, foram introduzidas árvores de outros países, como o pinus e o eucalipto. Porém o carvão dessas árvores exóticas, não têm uma queima tão efetiva como o carvão de árvores, geralmente, mais duras e resistentes que são nativas.

agora está boa. Para isso eu preciso usar a ventoinha tocada a pé, que eu consigo controlar melhor o fogo que eu quero na forja (WEISS, 2023).

Feito o processo de têmpera e revenimento, precisa-se de um fio na faca. Esse processo é feito em um esmeril e o acabamento é dado numa lixadeira. De acordo com Vino, se fizéssemos tudo no esmeril, a faca azularia, ficando mole por perder a têmpera, precisando ser temperada e revenida novamente. Nesse processo também são usadas limas para desgastar alguma imperfeição.

O cabo é feito, geralmente, de chifre ou madeira: Pau-Brasil, Peroba Tigrada. Vários tipos de madeiras e cores de chifre, dão às facas lindos e brilhantes cabos. Algumas são mais especiais, recebem o cabo feito de canelas de cavalos, ou rabos de tatus. Depois de decidido qual irá ser o cabo, mais uma vez a faca vai para o esmeril e é retirado o excesso de chifre ou madeira do cabo. O acabamento é feito com muito polimento, esmeril e lixas.

Para a bainha, seu Vino também a faz de forma totalmente artesanal. Costurada à mão com o couro cortado de forma totalmente intuitiva e experiente de acordo com o tamanho e modelo de cada faca. São cortadas diversos pedaços de couros, que, juntas, formam uma bela proteção para o aço. O couro vem curtido de São Paulo. Uma parte curiosa é a ponteira, que é feita de metal e além de enfeitar a peça, tem a função de não deixar a ponta da faca furar o couro e estragar a bainha. Todo o processo de fabricação leva em torno de um dia de serviço bem aproveitado.



Fig. 14: Confecção da bainha. 2013. (Acervo de Valdevino Weiss)

Além das facas, também são produzidas chairas. As chairas são produzidas com molas de carro, que são desentortadas e viram uma linda peça, cujo cabo geralmente é de madeira ou chifre.

Seu Vino fala triste sobre o futuro da tradição. Afirma ser o último da família. Ensinou seu filho e ele sabe, mas com o avanço das máquinas será improvável trocar sua carreira pelo trabalho artesanal. Também aponta outros problemas para a continuidade:

Hoje em dia o material está difícil de ser encontrado e brevemente vai acabar. Além do mais, o artesão, nos dias atuais, sofre muito com o mercado, por causa das grandes indústrias. Elas produzem muito em pouco tempo, além de que agradam mais aos olhos dos clientes com seus produtos bonitos e grandes propagandas (WEISS, 2013).

Quando questionado sobre sua paixão pela arte responde: *“Quando eu não puder fazer mais, a minha vida será curta”*.



Fig. 15: Facas em preparação para receber os detalhes finais. 2013. (Acervo de Valdevino Weiss).



Fig. 16: Facas prontas para a comercialização. 2023. (Acervo de Valdevino Weiss).



Fig. 17: Aspectos da ventoinha que alimenta a forja no sistema antigo de roldanas. Essa peça é proveniente da fábrica de Teófilo Schütz. Na peça consta: "Beneficiamento de madeiras; Fábrica de carrocerias; T. Schütz; Esquadrias; Soalho – Forro paulista ETC. Taquaras – São José – S. Catarina". 2023. (Acervo do Autor).



Fig. 18: Forja onde Valdevino esquentava as facas. À direita temos uma das "bocas" onde sai a chama, tocada à eletricidade, com um motor. À esquerda temos a antiga, com o sistema de roldanas. Ano 2023. (Acervo do Autor).



Fig. 19: Aspectos da forja antiga. A roda do sistema de roldanas foi feita no ano de 1953. 2023. (Acervo do autor).



Fig. 20: Aspectos da placa indicativa que Valdevino tem em frente à sua ferraria, em Taquaras. Assim lemos “FACAS K.M. 100. DESDE 1847.” 2023. (Acervo do autor).



Fig. 21: Aspectos da ferraria de Valdevino. Na placa indicativa em cima do portão, lemos: “Vila Edi Weiss”, cuja denominação presta homenagem à Edelberto Weiss, seu pai. 2023. (Acervo do autor).

Considerações finais⁵⁷

Infelizmente não sabemos se o ofício de ferreiro era uma tradição familiar que Jacob trouxe da Europa, quando emigrou ao Brasil em 1845. Não é conhecido como aprendeu, onde aprendeu ou ainda o que fabricava.

Porém nesses quase 180 anos de história no Brasil, a família Schäfer deixou uma grande descendência e marcou história na arte da ferraria. Perpetuando até os dias atuais, essa profissão foi de muita importância para a colonização do interior de Santa Catarina a partir do século XX.

Ferramentas, utensílios e até instrumentos de defesa pessoal contra animais da mata virgem, ou ainda ataques indígenas, muito comuns numa serra inexplorada, foram fabricados pelos ferreiros. Posteriormente contribuíram com seu talento aos tropeiros que passavam pela região. Eventualmente houveram os dois irmãos, Carl e Rudolf que seguiram a profissão. Rudolf ensinou a arte ao seu filho Edelberto Schäfer que, por sua vez ensinou a seis de seus filhos, dos quais, Alcides e Edelberto Schäfer filho ainda seguiram trabalhando até 2009, quando finalmente, Jackson aprendeu a profissão deles, perpetrando a tradição até os dias de hoje.

Por outro lado, Edelberto Weiss que teve como tutor Carl Schäfer, passou o ofício aos seus filhos. Por fim, Valdevino Weiss ainda continua trabalhando com o aço e constrói a vida através disso. Se a tradição irá acabar, não sabemos. Porém se olharmos para trás, veremos uma bela tradição e história que começou na metade do século XIX e ainda está sendo escrita nos dias de hoje.

Referências

A ferro e a fogo. **Revista Globo Rural**. Editora Globo. Dez. 1992.

PHILIPPI, Aberbal João. **São Pedro de Alcântara: a Primeira Colônia Alemã de Santa Catarina**. Florianópolis: Edição do autor, 1995.

STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias pioneiras na colônia Santa Isabel (1847-1865)**. Campinas: Edição do autor, 2019.

STEINER, Carlos Eduardo. **Origem e migração das famílias estabelecidas nas colônias Santa Isabel, Teresópolis e Itajaí (1847-1865)**. Campinas: Edição do autor, 2019.

STOER, Hermann. **Crônica da Paróquia de Santa Isabel, a mais antiga Colônia Alemã-Evangélica em Santa Catarina**. [s.l.; s.d]. trad.: Felícia Emma Hatzky Schütz.

⁵⁷ Agradecimentos especiais a Jonas Bruch, Toni Jochem, Valdevino Weiss e Wirto Schaeffer, que colaboraram com a elaboração deste artigo. O contato de Valdevino Weiss para a confecção de facas, é pelo telefone: (48) 99808-4935.

Webgrafia

- Billion Graves.** Disponível em: <https://billiongraves.com/search>. – Acesso em: 20 nov. 2023.
- BRASIL, SANTA CATARINA. **Registro Civil (1850 – 1999). Rancho Queimado.** Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-X369-4PB?owc=MXYK-K2P%3A337696201%2C337696202%3Fcc%3D2016197&cc=2016197> – Acesso em: 03 out. 2023.
- HEMEROTECA DIGITAL CATARINENSE. **Jornal Capital das Nascentes.** Alfredo Wagner/SC. Abr. 2014. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/Jornalcapitaldasnascentes/JCN2014002.pdf>. – Acesso em: 20 nov. 2023.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Santa Thereza. **Sterbebuch** (1911-1975). Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CS27-G981?i=2345> – Acesso em: 05 out. 2023.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Santa Isabel. **Traungregister** (1865-1941). Transcrição por Selma Rassweiler. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CS27-F3L5-X?i=1209> – Acesso em: 18 out. 2023.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Santa Isabel. **Totenregister** (1865-1941). Transcrição por Selma Rassweiler. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CS27-FQMM-W?i=1348> – Acesso em: 18 out. 2023.
- IHP. Instituto Histórico de Petrópolis. **Avé-Lallemant, Pastor Frederico e Dr. Roberto.** Disponível em: <https://ihp.org.br/ave-lallemant-pastor-frederico-e-dr-roberto/#:~:text=Nome%20completo%20Roberto%20Cristiano%20Bertoldo,onde%20se%20doutorou%20em%201837>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- Manufatura.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/manufatura/>. – Acesso em: 12 set. 2023.
- Mutterschied.** Disponível em: <http://www.mutterschied-online.de/de/historie.html>. – Acesso em: 20 nov. 2023.
- O Ferreiro.** Disponível em: <https://cultura.madeira.gov.pt/sabias-que-1/1843-o-ferreiro.html#:~:text=O%20ferreiro%20%C3%A9%20o%20profissional,aprendeu%20a%20moldar%20os%20metais>. – Acesso em: 12 set. 2023.
- Picadas – Km 100.** Disponível em: <https://jornalaw.com.br/2016/10/10/picadas-km-100/>. – Acesso em: 20 nov. 2023.
- SCHAEFFER FACAS ARTESANAIS.** Disponível em: <http://facasartesanais.com.br/asp/index.asp>. – Acesso em: 21 nov. 2023.

Outros

- BRUCH, Jonas. **Correio eletrônico.** Alfredo Wagner, 2023.
- JOCHER, Toni. **Acervo fotográfico.** Águas Mornas/SC, 2023.
- SCHAEFFER, Wirto. **Correio eletrônico.** São José/SC, 2023.
- SCHAEFFER FILHO, Edelberto. **Correio eletrônico.** Alfredo Wagner/SC, 2023.
- WEISS, João Felipe Weigert. **Acervo fotográfico e documental.** Rancho Queimado/SC, 2023.
- WEISS, Stivis Ander. **Acervo fotográfico.** São José/SC, 2023.
- WEISS, Valdevino. **Acervo fotográfico e documental.** Gravação em celular. Rancho Queimado/SC, 2023.

WEISS, Valdevino. Entrevista [29 ago. 2023]. Entrevistador: João Felipe Weigert Weiss. Taquaras, Rancho Queimado, 2023. (gravação em celular e anotação em bloco de notas).

Como citar este artigo

WEISS, João Felipe Weigert. **Jacob Schäfer e sua descendência de ferreiros**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.